

TROPEADAS DO SERTÃO: Transporte e comercialização de gado das fazendas pastoris escravistas do Piauí

Solimar Oliveira Lima *

RESUMO:

A disputa por terra entre gado e cana afastou alguns senhores do fértil litoral nordestino. Criadores e rebanhos adentraram, então, no inóspito e vasto território dos sertões. Em pouco tempo rês e vaqueiro estavam tão incorporadas às paisagens como o sol e a seca. Do gado tudo se extraía e tudo se vendia. Uma das atividades decorrentes do pastoreio era a tropeada, e apresentava-se como essencial para a realização da produção uma vez que era responsável pela circulação das mercadorias. Trabalhadores livres e escravos, sujeitos a uma flexível divisão do trabalho, labutavam conjuntamente nos longos percursos. As tropas e tropeiros transportaram, por longos anos, além do gado, o que era necessário à acanhada vida dos sertões do Piauí.

PALAVRA-CHAVES: Tropeadas, fazendas, escravos.

ABSTRACT:

The dispute for land between cattle and sugar cane moved away to some gentlemen from the fertile coast northeastern. Creators and flocks adentraram, then, in the inhospitable and vast territory of the sertões. In little rês and cattle time so they were incorporated the landscapes as the sun and he dries. Of the cattle everything if extracts and everything if vendia. One of the decurrent activities of the pasturing was the tropeada one, and presented as essential for the accomplishment of the production a time that was responsible for the circulation of the merchandises. Free and enslaved workers, citizens to a flexible division of the work, jointly worked hard in the long passages the troops and tropeiros had carried, per long years, beyond the cattle, what the bashful life of the sertões of the Piauí was **necessary**.

KEY WORD : Tropeadas , ranch , slaves

Durante longos anos o Nordeste era o litoral. Na costa banhada por um oceano que insistia em desembarcar moradores desenvolvia-se, entre a maioria dos habitantes, uma vida acanhada, menos lusitana e mais nativa. A riqueza gerada pelo açúcar concentrava-se em torno de casas que apesar de grandes pareciam perdidas na imensidão de terras verdes das canas e matas virgens. Os rentáveis engenhos faziam prosperar uma parte do Novo Mundo e a opulência de seus senhores. As naus abarrotadas singravam os mares em idas e vindas, e com uma velocidade mansa tornavam o Brasil mais distante da maresia. O fausto dos engenhos fez nascer à pobreza sertaneja.

* * Mestre e Doutor em História (PUC/RS), professor do curso de Ciências Econômicas, Mestrado em Políticas Públicas e Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Este trabalho resulta da pesquisa em andamento “A Produção Pastoril no Piauí, no Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul, de 1780 a 1930: um estudo comparado.” coordenada pelo Prof. Dr. Mario Maestri Filho (UPF) e financiando pelo CNPq. Agradecemos à colaboração das bolsistas PIBIC/CNPq-UFPI Débora Laianny Cardoso Soares, Ivana Campelo Cabral e Talyta Marjorie Lira Sousa.

A disputa por terra entre gado e cana afastou alguns senhores do fértil litoral. Os animais, tão necessários a produção açucareira, resistiram ao confinamento de sobras de canaviais. (ABREU, 1960; FURTADO, 1976) Criadores e rebanhos adentraram, então, no inóspito e vasto território dos sertões. As terras apartadas do litoral, como os coevos as denominavam, não resistiram aos obstinados desbravadores. Em pouco tempo rês e vaqueiro estavam tão incorporados às paisagens como o sol e a seca. No Piauí, na no início da segunda metade do século XVIII, os campos, apesar de abundantes, ofereciam pouco quase todo o ano. Homens viviam miseravelmente, feito *tapuias*, e os rebanhos faziam do solo árido campos de engorda e reprodução. (ROTEIRO, 1900)

Lentamente, as terras foram ganhando mais fazendas, rebanhos, gentes e vilas. Na região pastoril do São Francisco ao Piauí, dos *campos mimosos* germinaram as fortunas dos fazendeiros. Do gado tudo se extraía, da pele ao osso, couro, sédem, carne verde e seca, sebo, graxa... Em pouco tempo, do gado tudo se vendia. A exploração econômica do rebanho foi, por séculos, o único elo entre o sertão e o Brasil. Os rebanhos foram fecundos. Grandes fazendas e cidades constituíram-se a partir do criatório e comercialização. Exemplos são a primeira capital do Piauí, Oeiras, originada de uma fazenda e Juazeiro, na Bahia, de um pasto de descanso de boiadas e tropeiros. (SPIX, MARTIUS1938)

Uma das atividades decorrentes do pastoreio era a tropeada, e apresentava-se como essencial para a realização da produção, uma vez que era responsável pela circulação da mercadoria. A tropeada consistia, portanto, no transporte de animais, vacum e cavalariço, para os mercados. No caso da pecuária piauiense, encontravam-se, especialmente, nos estados da Bahia e Pernambuco e Maranhão. Sendo, pois, esta atividade a da comercialização do rebanho, recebeu, desde cedo, tratamento especial dos criadores. Os cuidados começavam pela formação das boiadas e estendiam-se pela mão-de-obra empregada no traslado.

O tempo para comercialização dos animais era o do crescimento e engorda. Do gado vacum vendiam-se, “nos tempos bons” apenas os “bois de era”, considerados prontos para o abate. Privilegiavam-se assim, na comercialização, os machos, porém evitando-se os “garrotes” com aparência de “bons reprodutores”. As fêmeas eram prioritariamente destinadas à reprodução, embora nas boiadas, pelo excesso de animais, fossem incorporadas “vacas velhas” e “novilhas com porte”. As rezes eram selecionadas nos “campos de criação” duas ou três vezes ao ano, dependendo do porte da fazenda. Recolhidas em vaquejadouros ou confinadas em currais, passavam às vezes de uma a duas semanas esperando o “ajuntamento”

de todo rebanho que iria formar a “boiada”.¹ A comercialização de gado cavalari era em menor porte, em decorrência não só da reduzida produção se comparada a de vacum, como também ao pouco atrativo das espécies. Tratava-se de animais, no geral, rústicos e pouco desenvolvidos, apresentando comumente doenças. (GARDNER, 1942). O criatório e o processo de recolhimento e seleção dos animais para venda, envolviam quase todos os trabalhadores da fazenda, homens e mulheres. (LIMA, 2005)

Nas tropeadas, a mão-de-obra era exclusivamente masculina. O responsável direto era denominado *passador*. Para o posto além da confiança exigida, era necessário conhecimento do trajeto e experiência na atividade. Dada a importância da função, uma vez que este era condutor dos animais, do dinheiro da venda e prestador das “contas e acontecidos”, era posto ocupado por pessoa livre. No Piauí, pelas informações das fontes consultadas, tudo leva a crer que não se tratava em rigor de uma profissão embora alguns possam a ter desenvolvido como tal. No geral, nas fazendas particulares, eram os próprios fazendeiros ou filhos que desempenhavam a função, quando não a delegavam a vaqueiros através de uma remuneração específica. Nas fazendas da Nação a tarefa era naturalmente desenvolvida pelos criadores responsáveis pela administração das propriedades.

Além do *passador* eram requisitados outros trabalhadores, todos tidos como vaqueiros. Contudo, os vaqueiros precisavam apresentar habilidades específicas nas tropeadas, embora decorressem da lida nos campos. Uma tropa requeria os serviços de *guia*, *cargueiro* e *tangedor*. Como as próprias denominações indicam, o guia [normalmente apenas um] conduzia o rebanho e postava-se à frente; o *cargueiro* [no geral mais que um], disposto quase sempre ao fim da boiada, zelava pelo transporte dos mantimentos, acessórios complementares [arreios, cordas, etc.] e “encomendas” [supostamente mercadorias, especialmente quando do retorno] e pelo preparo das refeições; o *tangedor* [maior número de trabalhadores, variando, na documentação pesquisada, de três a sete] estimulava os animais no percurso, evitava o “desgarramento” [afastamento da boiada] e “arranco” [fuga em disparada] e também eram principais “aboiaadores” [cantadores].²

Caso ilustrativo da comercialização de gado bovino e cavalari, no Piauí, pode-se encontrar na experiência das fazendas públicas que totalizavam 39, pertencentes a Coroa Lusitana e posteriormente ao Império. O comércio de bois escolhidos entre os melhores, gordos e prontos para abate, pelo menos até 1823, era realizado diretamente com o comprador

¹ Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1814-1419

² Arquivo Público do Estado do Piauí- APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1790-1799
Arquivo Público do Estado do Piauí- APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1804-1854

arrematante na Bahia. Em Oeiras, sede administrativa, era nomeado um passador entre os criadores das fazendas que levava as boiadas até a feira de Salvador. Nos anos seguintes, o gado passou a ser arrematado em Oeiras e os compradores se encarregavam do transporte para o mercado consumidor. O transporte de animais para Salvador era um empreendimento que parecia tão lucrativo quanto desastroso. Para cada boi vendido na feira, “perdia-se” um na viagem. Havia desvio de produção e perdas com animais vitimados por comerem plantas venenosas, ataques de insetos, cobras e onças, além de muitos morrerem pelo cansaço da longa viagem que durava, em média, 47 dias.

Vejam parte de um relatório de José Pereira Cunha, criador de uma das fazendas da Nação, de 1794. A boiada era composta de 251 animais da nação e 25 de sua propriedade. Saindo da Fazenda Serrinha, a tropa enveredou pelos sertões do Piauí, Pernambuco e Bahia. O encarregado declarou que:

“em um arranco que teve a mesma boiada na Fazenda Buriti fugiram quatro bois, em outro arranco saindo da Jacobina estando a boiada em marcha fugiram dois e ao chegar ao Pasto do sargento Manoel Barbosa fugiu um, na Ladeira da Pimenta fugiu outro que fazem por todos oito fugidos(...) Na fazenda Buriti matara um boi para matulagem, na Rajada matara outro, no Tamboatá, matara outro e no Tanque Paulista outro, vindo a ser quatro o que matara para matulagem(...) Na fazenda das Lages morreram dois bois, na Pinda morreram dois, e ao chegar na Boca da Catinga morreu um, no curral da Tamboatá morreram dois, no curral da Água Funda morreu um, nas Lagoinhas morreram dois e no campo da feira morreu um, que fazem por 17 bois mortos(...) Na passagem do rio São Francisco, o Procurador Antônio Duarte refugara sete bois caxingós e cansados, o Procurador da Jacobina Manoel Fernandes refugara por estarem da mesma sorte 27 bois, o Procurador de Itaperú José Antunes refugara 22, o Procurador do Saco do Moura Apolinário da Silva refugara sete e o Procurador do Cajueiro Pedro Ribeiro refugara dois, que por todos fazem 65 os bois refugados(...) No rio do Peixe vendera quatro bois que não puderam caminhar por cansados, no Papagaio vendera da mesma sorte seis, da mesma forma no Tamboatá vendera seis, vendera também 10 em Água Fria por cansados, em Água Funda vendera da mesma forma cinco que por todos fazem 31 os bois vendidos(...) entre os bois fugidos, matulagem, mortos, refugados e vendidos fazem todos o número de 125 restando somente da dita boiada 126 bois com os quais chegara a feira e fizera deles entrega ao marchante José Francisco arrematador deles em presença do Capitão Manoel Henrique de Carvalho os quais a 4\$800 réis o preço de arrematação importam em 604\$800 réis.”³

A tropa de José Cunha era formada por dez homens. E Acompanhava-o cinco trabalhadores escravizados e quatro livres, Eram escravizados o guia da tropa, três cargueiros e dois tangedores. Os livres eram: dois índios, um mameluco e um crioulo, todos como tangedores, contratados a 12\$000. Acompanhavam ainda a tropa, cinco cavalos. No percurso até Salvador, dois cavalos haviam morrido e um tinha sido furtado. Um trabalhador escravizado tinha ficado doente, “com inchaços” atribuídos a cansaços. Decerto, não era uma

³ Arquivo Público do Estado do Piauí- APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1790-1799

viagem fácil. Boa parte do trajeto era realizada pelos trabalhadores escravizados a pé e descalços. Os tropeiros queixaram-se dos calores decorrentes de um ano de poucas chuvas (quando ocorria muita chuva, as reclamações costumavam ser sobre as dificuldades de se atravessar terrenos alagadiços e rios com “enchentes” onde muitos animais e trabalhadores corriam riscos de afogamento).

O rebanho era vigiado dia e noite para evitar ataques de animais e arrancos que quando aconteciam em campos abertos exigiam muita perícia e esforço dos trabalhadores para reorganizar a boiada. Poucas horas do dia eram reservadas ao descanso e, à noite, eram feitos rodízios de sentinelas. As pausas maiores destinavam-se às refeições. A alimentação da tropa era composta basicamente de carne-seca assada e farinha. Somente em Salvador é que os tropeiros incorporaram o feijão à dieta. Foram consumidos quatro bois da boiada e comprados, pelas fazendas por onde passaram, alqueires de farinha, sal, milho, este último para os cavalos. Os gastos com a tropeada totalizaram 51\$500 réis, cerca de 8% do valor recebido com a venda dos animais.

Este é um exemplo que aponta para a importância do trabalho de cativos nas tropeadas, embora não sendo exclusivo. Contudo, a presença do trabalhador escravizado era sistemática, não havendo tropeada sem cativos. Neste particular, podemos perceber duas tendências: a incorporação de trabalhadores da própria propriedade que vendia o rebanho e o aluguel de trabalhadores. É certo que, dada a temporalidade de afastamento do trabalhador, tendia-se a fortalecer as relações contratuais, incluindo neste contexto o “aluguel de serviços” de libertos. No caso de escravizados, o contrato era realizado com o proprietário do trabalhador, diferindo da relação desenvolvida com forros, negociação direta. Infelizmente, não temos referência a valores pagos a cativos. Certamente dependiam das distâncias e tempo de viagem, devendo ser diferenciados quanto à natureza do trabalho e trabalhador. No que respeita a ocupação, eram, salvo engano, todos, carregadores e tangedores.

Tratando-se de trabalhadores livres, brancos pobres, libertos e “índios ou mamelucos”, uma experiência de propriedades particulares pode corroborar com a idéia de composição mista de trabalho nas tropeadas. Neste caso, ratifica-se o sentido da obrigatoriedade da presença de negros cativos, uma vez que “sempre necessário se faz deste trabalhador”. Um percurso curto, se comparado ao deslocamento para Salvador, mobilizou 15 tropeiros para deslocar 321 rezes e 27 cavalos e éguas de Valença para Oeiras, em 1818. Na comitiva, além do passador [sem referencia, tudo indica ser o fazendeiro], havia a presença de 06 “escravos da fazenda” tangedores, um guia “vaqueiro da fazenda” [supostamente branco, pois não havia indicação a etnia], dois “pretos por aluguel” cargueiros [indicação a contrato

com trabalhador livre, no caso certamente liberto] e os demais, cinco, “índios” como tangedores.⁴

Os trabalhadores escravizados das tropeadas estavam submetidos às mesmas leis vigentes na sociedade escravista: dominação, exploração e disciplina. Evidentemente, tratando-se da atividade e da “liberdade” propiciada, especificidades deviam compor o quadro das relações ali desenvolvidas. É certo, porém, que cabia ao conjunto dos trabalhadores das tropeadas o controle dos escravizados. A vigilância sobre os cativos era exercida com o mesmo zelo para com os animais. Durante a noite, o trabalhador escalado para sentinela costumava “com cuidado conferir os bois e escravos certificando o sossego”⁵.

No Piauí, das tropeadas especializadas em gado vacum e cavalariço, os trabalhadores nelas incorporados gradativamente passaram ao movimento de transações de mercadorias diversas, desvinculando-se de outras ocupações anteriormente desenvolvidas. Esta divisão e especialização do trabalho determinaram uma nova configuração aos tropeiros, notadamente após a decadência da produção pastoril e sua desvinculação com os mercados regionais. Ao longo do século XIX os tropeiros viviam do comércio, da compra e venda dos mais diferentes produtos. Foram responsáveis pelo, quase invisível, comércio interno e representavam à época, grande avanço na ampliação de mercados. A estrutura social em formação exigia a oferta sistemática de mercadorias para as demandas crescentes das populações espelhadas pelos mais recônditos lugares, especialmente os mais prósperos e com maior circulação monetária.

Das fazendas, pequenos povoados e vilas seguiam produtos como farinha, milho, feijão, melado, aguardente, couros. Os animais partiam ainda na madrugada, com suas cangalhas pesadas para destinos perto ou longe e costumavam retornar, após dias ou meses, ao entardecer, na boca da noite. Traziam em seus fardos o que o pequeno e grande dinheiro podia comprar. Abasteciam pobres e ricos com remédios, fumo, açúcar, tecidos grossos, seda e linho, louças, ornamentos para casa, senhores e senhoras e quiquinharias de enfeites para as mulheres da rua de traz, estes, talvez, barganhados por uma noite de sexo.⁶

Tropeiros abasteciam, também, quitandeiros e vendeiros. Compravam as mercadorias a vista ou a prazo, adiantando parte da compra e efetuando o pagamento do restante na viagem seguinte. Assim, as tropas exerciam a função de atacadistas e faziam desenvolver o sistema de crédito, baseado na palavra, fé pública do comprador e, evidentemente, um recibo

⁴ Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1841-1846

⁵ Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1804-1854

⁶ Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1825-1829

de dívida. Predominavam, e parecem indicar as fontes, neste tipo de negócio, as vendas de ferramentas e utensílios para atividades produtivas. Talvez pelo elevado preço e dificuldade de se conseguir, facilmente, a matéria prima para a feitura de facas, facões, enxadas e foices.⁷

Tropeiros eram afeitos a boas conversas, como todo bom comerciante. De simpatia, amizade e preços nasciam os lucros. Isolados pelos sertões, vendedores e compradores, não raro reclamavam dos valores impostos. Os comerciantes das mulas e cavalos, já indicavam dominar a regra básica da atividade, comprar barato e vender caro. As tropas não eram exclusivas ao comércio entre cidades. Muitas possuíam um ou dois proprietários de animais de cargas que eram especializados, especificamente, no traslado de mercadorias de fazendas ou sítios para a sede do município. A atividade era mais intensa nos períodos de estiagens prolongadas, quando havia uma redução significativa de produção agrícola. A farinha, passava a ser o principal produto do estrito comércio interno. Em algumas vilas com maiores dificuldades de abastecimento, chegava a existir, tropas especializadas no abastecimento de água própria para o consumo.⁸ Com estas atribuições, podemos, sem exagero, afirmar que as tropas e tropeiros carregaram, por longos anos, o que era necessário ao desenvolvimento dos sertões do Piauí, especialmente produtos, dinheiro e idéias. Ainda que nas passadas de animais.

REFERÊNCIAS:

ABREU, João Capistrano de. *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: livraria Briguiet, 1960;

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo; Editora Nacional, 1976.

GARDNER, George. *Viagens no Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LIMA, Solimar Oliveira. *Braço Forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822-1871*. Passo Fundo: UPF, 2005.

ROTEIRO DO MARANHÃO A GOIAS PELA CAPITANIA DO PIAUI In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, TOMO LXII, Parte 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedr Phil von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

⁷ Arquivo Público do Estado do Piauí- APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1844-1846

⁸ Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI - Palácio do Governo Oeiras. 1844-1856